

Sophia de Mello Breyner Andresen

MUSA

O BÚZIO DE CÓS
E OUTROS POEMAS

prefácio de
Carlos Mendes de Sousa

ASSÍRIO & ALVIM



Sophia de Mello Breyner Andresen fotografada por João Cutileiro

NO CAMINHO DA POESIA

1.

Ao falar sobre a sua obra, Sophia de Mello Breyner Andresen deu conta, em alguns momentos, de um caminho evolutivo no seu percurso poético. No contexto dessas reflexões, surgem dois nomes, duas referências decisivas, num diálogo de grande impacto na sua poesia, em especial a partir dos anos 60, período em que a consciência da renovação se torna mais presente. Refiro-me a Jorge de Sena e a João Cabral de Melo Neto. No prefácio à *Obra Poética* (Assírio & Alvim, 2015), Maria Andresen de Sousa Tavares chamou a atenção para estes encontros, e concretamente para o diálogo com João Cabral, que se revestiu de uma «significativa importância em novas inflexões na poesia de Sophia». Nas entrevistas, o nome do poeta brasileiro é com frequência convocado por Sophia, quando esta se refere aos sentidos actualizadores da sua poesia. Na correspondência trocada com Jorge de Sena, ocorrem igualmente as indagações nessa direcção. Em carta datada de Janeiro de 1960, interroga-se sobre um caminho que se vai delineando, sem que exista uma programação, sem que saiba dos rumos futuros que a obra irá seguir: «Estou muito dispersa mas às vezes não sei como escrevo “uma coisa” muito construída em que

não tinha quase pensado. Foi assim que acabei *O Cristo Cigano*. Lembra-se? Está pronto, nem sei como. É diferente das minhas outras coisas. O mundo da *Poesia*, do *Dia do Mar*, do *Coral* morreu e o mundo do *Mar Novo* está ultrapassado. Porque é que escrevo versos?».

A partir do final dos anos 80, começa a ser cada vez mais perceptível, da parte de Sophia, a consciência de uma dilacerante vivência do tempo associada ao tenso confronto com os «problemas práticos da vida» que interferem no processo de criação — «Como digo no poema “Fúrias”, os problemas práticos da vida quotidiana bebem o nosso tempo e as nossas forças. Escrevo pouco porque raramente há um dia que me pertença a mim e não às tarefas» (entrevista a António Guerreiro, *Expresso*, 15 de Julho de 1989). Para lá das trivialidades domésticas, e do confronto com as quotidianas tarefas consumidoras do tempo, há uma contínua procura do espaço da respiração para o “cismar”, palavra utilizada com frequência por Sophia, na positiva aceção de meditativo círculo propiciador do mais verdadeiro encontro com o ser. No último livro, a poeta assinala esse estado de afastamento que toma conta de nós. É assim que ela vê os turistas apressados «(Onde o antigo cismar demorado da viagem?)» ou os encartados «activistas culturais», cujo «passo decidido não acerta com o cismar do palácio» (*O Búzio de Cós*).

Referindo-se às tarefas do dia-a-dia, de que se queixa amiúde por lhe retirarem esse tempo da meditação, alimento da escrita, Sophia acaba por entrever uma direcção afirmativa no rotineiro quadro da domesticidade. E é sintomático o facto de aparecer aqui o nome de João Cabral, quando Sophia

fala de coisas concretas, como a ida ao Mercado, justamente a caucionar um certo sentido de mudança, carregado de positividade: «Tirou-me tempo mas, de certa maneira, talvez me tenha feito bem. Um dia, o João Cabral de Melo disse-me que eu era o único poeta da minha geração que estava a renovar-se. E eu respondi que isso era porque eu ia à Praça. Tenho muito pouco tempo para ler mas penso que a relação com a vida de todos os dias é extremamente vivificante para um escritor» (entrevista a Lúcia Sigalho, *Vida Mundial*, 1989).

Esta questão da presença do real é determinante para perspectivarmos a evolução da poesia de Sophia. Nas artes poéticas da autora encontramos reflexões de uma extrema beleza e precisão; mas também nas respostas a entrevistas, que foi dando ao longo da vida¹, se encontram passos de uma extraordinária clarividência, como acontece com uma síntese admirável motivada pela célebre máxima de Novalis «A poesia é o autêntico real absoluto», referida na pergunta da jornalista: «Creio, mesmo, que a minha poesia partiu dessa legenda de Novalis, germinou com ela. E que só depois evoluiu, só depois caminhou para a definição de Éluard: a poesia é a nossa vida prática e o trabalho das nossas mãos. Ou para a que Jorge de Sena traduziu inesquecivelmente: a poesia é a minha fidelidade integral à responsabilidade de estar no mundo. O real é poético na medida em que o vivemos como

¹ Algumas das mais representativas entrevistas encontram-se reproduzidas no *site* sobre Sophia de Mello Breyner Andresen, na Biblioteca Nacional de Portugal. Autoria e coordenação de Maria Andresen de Sousa Tavares; *web design* e tratamento de imagem de Cecília Matos - <http://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/indice.html>

linguagem e, simultaneamente, como caminho do ser» (entrevista a Maria da Conceição Casais, *Contemporâneo*, 15 de Março de 1989). Sophia aponta aqui momentos decisivos do seu percurso poético — da exaltação pura dos primeiros livros à progressiva integração da vida prática do quotidiano e ao empenhamento responsável no mundo. E insiste na dominância de uma fidelidade patente em todo o tempo — a vivência e a incorporação do real como linguagem e caminho do ser.

Os últimos livros de Sophia mostram como a incorporação da realidade vivida é uma contínua superação amplificadora que entrevê o poético como espaço de realização plena. Recorde-se a ênfase colocada na resposta à jornalista, na entrevista acima citada, quando confrontada com a célebre legenda de Novalis: «Creio que todo o real é poético. E não só pode ser: é». No mesmo plano se pode entender a crença incessantemente reafirmada no poder didáctico da poesia e do poético.

2.

Musa e O Búzio de Cós e outros Poemas, os dois últimos livros de poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, publicados na década de 90, formam uma unidade de duas faces e constituem um fecho, um ponto de chegada que funciona como uma espécie de coda. A junção dos dois livros na presente edição abre uma perspectiva de leitura da fase final da obra da poeta e activa, naturalmente, um impulso interpretativo que nos leva a focar a obra na sua globalidade. É a

ONDAS

Onde — ondas — mais belos cavalos
Do que estas ondas que vós sois
Onde mais bela curva do pescoço
Onde mais longa crina sacudida
Ou impetuoso arfar no mar imenso
Onde tão ébrio amor em vasta praia?

Dezembro de 1989

ROMA

à memória de meu irmão Thomaz

O belo rosto dos deuses impassível e quebrado
A noite-loba rondando nas ruínas
A veemência a musa
Colunas e colinas
O bronze a pedra e o contínuo
Tijolo sobre tijolo
A arte difícil e bela da pintura
A música veemente que assedia a alma
O corpo a corpo do espaço e da escultura
Os múltiplos espelhos do visível
A selvagem e misteriosa paixão de Catilina

As altas naves as enormes colunas
Os enormes palácios as pequenas ruas
A lenta sombra atenta e muito antiga
O sucessivo surgir de fontes e de praças
Vermelho cor-de-rosa muita pressa
Gesticular de gentes e de estátuas
Azáfama clamor e gasolina
Do guarda-sol castanho a penumbra fina

ORIENTE

Este lugar amou perdidamente
Quem o cabo rondou do extremo Sul
E a costa indo seguindo para Oriente
Viu as ilhas azuis do mar azul

.....

Viu pérolas safiras e corais
E a grande noite parada e transparente
Viu cidades nações viu passar gente
De leve passo e gestos musicais

Perfumes e tempero descobriu
E danças moduladas por vestidos
Sedosos flutuantes e compridos
E outro nasceu de tudo quanto viu

.....

1988

TÃO GRANDE DOR

«Tão grande dor para tão pequeno povo»

Palavras de um timorense à RTP

Timor fragilíssimo e distante

«Sândalo flor búfalo montanha
Cantos danças ritos
E a pureza dos gestos ancestrais»

Em frente ao pasmo atento das crianças
Assim contava o poeta Ruy Cinatti
Sentado no chão
Naquela noite em que voltara da viagem

Timor
Dever que não foi cumprido e que por isso dói

Depois vieram notícias desgarradas
Raras e confusas
Violência mortes crueldade
E ano após ano
Ia crescendo sempre a atrocidade